



Rio. Uma escrita coletiva que pede passagem.

Grupo multiTÃO

Alice Dalmaso; Almir da Silva Pinheiro - Mirs; Emanuely Miranda;
Mariana Vilela; Susana Diasⁱ

RESUMO: Entre o filme *Waapa*, produzido com povo Yudja e dirigido por David Reeks, Paula Mendonça e Renata Meireles, e o ensaio *Reativar o animismo* de Isabelle Stengers canta um rio. Escutamos a escrita que pede passagem pelos corpos do grupo multiTÃO e o chamado a pensar e sentir o que podem as conexões cuidar e curar.

PALAVRAS-CHAVE: Rio. Escrita. Animismo.

River. Collective writing that ask passage.

ABSTRACT: Between the movie *Waapa*, produced with the Yudja people and directed by David Reeks, Paula Mendonça and Renata Meireles, and the essay *Reclaiming animism* by Isabelle Stengers, sings a river. We listen to the writing that asks for passage through the bodies of the group MultiTÃO and the call for thinking and felling what the connections can care for and heal.

KEYWORDS: River. Writing. Animism.

O que pode um documentário que faz correr um rio inundado por seres, inundando outros tantos seres, e dando a ver modos muito específicos de estar vivo? O que pode um texto, enquanto força de escrita e pensamento, que afirma a reativação, regeneração, reapropriação de nossos próprios corpos, de engajamento com o mundo, com a política, com o tempo, com humanos e não humanos, com o pensar? O que pode cuidar e curar no mundo os elos produzidos entre ambos materiais?

Esta escrita é correnteza que segue por entre o filme *Waapa*ⁱⁱ, produzido com o povo Yudja (dirigido por David Reeks, Paula Mendonça e Renata Meireles) e o ensaio “Reativar o animismo” (2017), da filósofa Isabelle Stengers. A correnteza vazou pela experiência do encontro com os materiais, e dos vínculos produzidos pelas linhas visíveis e invisíveis - diversas e múltiplas - entre eles. Rio, escoamento, passagem: um chamado a pensar a



escrita, a comunicação e a educação para além dos limites impostos pelo indivíduo, pelo individual. Rio que chama, clama, pela força do coletivo, do povo porvir. Coletivo que não é fusão, nem perda da forma, do nome, mas afirmação das pontes e conexões. Rio-ponte entre-terras. Risada estendida entre-povos. Caminho úmido entre-reinos.

Um rio-texto é sempre um exercício mágico de construir novos possíveis com o sussurro das palavras e composições que fabricamos. O grupo multiTÃO fez nascer, assim, essa escrita engrenada por pequenos blocos de sensações que, num primeiro momento, foram compactuados com nossas solidões, povoadas pelos signos do filme e do ensaio, suas misturas ressonantes, combinações, devires transversais. Mantivemos que cada singularidade de escrita pudesse aqui como um rio que corre, e ora diminui ou aumenta sua velocidade, suas vazões, seus encontros com novas vias de água e uma toda sua ecologia.

Imersas, porém encostando ao modo de ser rio-criança de Waapa, e de um devir-feitiçaria da vida de Stengers, nos perdemos e nos reencontramos por aqui.

Jorro de rio vivo, para não mais esquecer

Alice Copetti

O comunicado de um devir-aranha do humano: “Passe sua arte de tecer. Passe sua arte de tecer”. Comunique e contamine essa pele e suas mãos, ensine com sua picada, a pôr em curso a arte de tecer fios. Ensinar sobre um modo de avizinhar-se com bichos, raspando, esfregando a aranha no braço, extraíndo partículas de suas patas, de seus pelos, de suas mandíbulas e quelíceras, produzindo uma zona de afecção compartilhada com o corpo da menina: um ritual, remédio que traz habilidades.

Morar com o fogo e permanecer nele: dar à lua a condição de abertura de cura dos remédios do Cosmos. Manter a sabedoria de uma idade que ensina a manufaturar uma composição de misturas que se transformam em algo: vasilha de barro, comida, vestimenta.



“Coletividades-moleculares” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 67): crianças-borboletas-formigas-morcegos-aves Criança-polinizador, vetor de pólenes pela floresta: simbioses. Tudo toma vida, tudo agencia com tudo, tudo se deforma. A arte de existir, aos poucos, se transmuta num espírito lutador: um preparo, um cultivo corporal de ser saudável tomado pela contaminação de elementos do mundo: galhos, água, folhas, raspas de árvore, animais, complexa experiência de um mundo mais que humano. Tudo é remédio para fortalecimento desse corpo que sempre pode mais. Ponto de eterno retorno de encontro: a água, o rio.

Aprender a flechar, aprender a tecer, a nadar no curso de um rio, construir uma canoa, remar, fazer uma lança, manusear um facão que lapida uma madeira que se transformará em ferramenta de caça, sendo criança. Um manuseio de infinitos materiais, um modo próprio de encontrar maneiras de extrair forças de uma matéria... ainda, sendo criança. Existir na fase que brinca, porém, participando com uma comunidade, com os afazeres de uma tribo, para um bem comum compartilhado.

O lançar: um verbo que engloba um corpo que brinca. Ri, enquanto lança, cai, se joga, levanta, e lança de novo a arma ao alvo. O brincar em matilha toma um existir fundado no *fazer* em matilha. Criar, próprio de um fazer que brinca, constrói um modo de existir em bando.

As folhas podem ser artefatos de transportar mandioca, podem ser um cocar, uma casa, a força do material que se põe sempre para um lugar aberto em sua constituição. Todos fazem, todos vivem nas funções que são saberes corporais, e não teóricos. Uma força-arte ritualística, encarnada, atravessada pela criação de um modo-criança de habitar o mundo. Queremos beber dessa água.

Passar o remédio, para que jamais alguém não passe fome. “Se você não aprender a lidar com seu próprio mundo, você também não vai aprender a lidar com o mundo de outra pessoa”. Toda uma cosmopolítica, sempre atualizada, por vias ativas de um devir-mágico-feiticeiro, que reúne uma maneira comum de viver e habitar o mundo, que situam questões “de interesse empírico e pragmático a respeito de efeitos e consequências [...]” (Stengers, 2017, p. 14).



Waapa suscita um convite a deitar os olhos sobre reativar uma multiciplidade de vínculos com deuses, seres, espíritos, moléculas, velhos, crianças, onde todos se comunicam e aprendem nesse encontro. Modos experimentais que celebram a vida em conjunto, numa rede extensa e conectada. As palavras proferidas, chamadas, evocadas, em cada gesto ritualístico ensinado e motivado às crianças da tribo, fazem pensar, sentir, imaginar: palavras-ações, palavra-incitação, palavra-sentido, palavra-força, palavra-devir. Palavras e ações são práticas de medicação, de manutenção de uma cura que se retroalimenta a cada novo gesto ritualístico, a ser ensinado no decorrer de um corpo que vai experimentando suas potencialidades e limitações.

Reativar o animismo é manter uma tradição da prática da aliança (não-familiar) como potência de viver junto, uma aliança contagiosa a partir da comida, do brinquedo, da ferramenta, da instrução por narrativas e palavras, por rituais com animais, plantas, seres de toda desordem. Podemos aprender com isso, essa feitiçaria que se estende em aprender com o que quer que seja, mantendo-se sempre no campo do imponderável, imprevisível, da brincadeira do experimentar a vida sob a ótica do cósmico-incontrolável.

Lembrar de manter o rio vivo, para reativar o que vibra. Mantenha-se vivo, em curso de rio. Lembrar: não estamos sozinhos no mundo.

Círculo. Circular. Circulação...

Susana Dias

Movimento contínuo, mesmo que mínimo, imperceptível.

Círculo, circular, circulação, emoção...

A cada novo círculo algo se expande, algo se move.

Círculo, circular, circulação, emoção, gratidão...

O universo se expande, a superfície do pensamento se amplia.

Rio.

Desde dentro dos corpos a água pensa e cura



Água que é ponte secreta de tudo
nasce uma comunicação que se aprende com o elemento
“o rio comunica com a gente”, dizem os Yudaj

rio pede poesia
curva as palavras
não quer sentidos retos e determinados
quer balanço, criança, canoa...

rio chama
pede por aprender força animada de rio
por fazer rio por meio de arvoredo,
por meio de céu, meio de filme

pede por um vazar e verter na escrita
deixar vivo o intervalo, úmida a passagem,
entre a floresta e o céu,
o rio e o corpo,
a filmadora e a tela
a mão, a caneta, o papel...

pede para aprender com palavra Yudja
palavra que faz rio
serpenteia, irriga, ondula, cura
pede para aprender esse “animismo textual”
da qual nos fala Stengers
desafio dos modernos e ocidentais
de escutar ciência de rio
perceber e acolher sua medicina

se rio ensina algo, não é porque é professor
rio não tolera posição, nem hierarquia
rio ensina porque aprende junto



tem sede de aprender

rio é tempo livre

água viva que por tudo que passa

rio vira gente, vira planta, vira nuvem, vira bicho...

vira rio de novo

rio em tudo que vejo

rio que gargalha pelas formas de vida livre

rio segue em infinitas direções

e se volta, nunca é um atrás

antes é círculo, circulação, emoção, gratidão.

Rio, ria em linha, continuum de vida

Mariana Vilela

Ela ria miúdo quando nervosa estava, em simbiose erótica com o fio. Tudo era: aranha, dor, coragem, fogo, lua. Em mágica ciência de tempos imemoriais. Pronta para tecer nuvem em fio. Com fio fazia rede. Rede de sustento, de afetos, de comunidade, de inventar estar junto, de balanço pra vó embalar neto.

Waapa, waapa pa. Waapa, waapa pa.

1. Elemento da natureza que ensina

2. Remédio que cura

Se rio corria estava saudável, se parava estava doente.

Rio, fio em curso sinuoso, andante e caudaloso.

Linha, risco de rio, leito.....Caminho.

“A vida não é uma dispersão de pontos, mas uma multiplicidade de trama de incontáveis fios tecidos por vários seres: animados e inanimados” (Ingold, 2015, p. 18).

Rede oculta.

Ele, menino índio, ri enquanto brinca sério. Corre saracura, corre. Corre deixando rastro, risco em risco de queda. Cai, levanta, segue. Segura. Acredita. Tem fé. Fé em si mesmo. Simbiose entre doença e remédio: ciência.



Uma ciência experimental, que abre campo para novas perguntas e não afirmações em autoridade, conectando práticas, preocupações e modos heterogêneos de co-existir.

Rede. Rizoma. Anarquia ecológica.

Pouco é dado, controlado e assimilado.

ciências.

Ela precisa aceitar que o mundo é composto por divisões. Mundo ilhas. Reconhecer é o primeiro passo para construir pontes.

Ela busca na magia das palavras, imagens e sons, reativar a operação rizomática, que repudia qualquer forma de generalidade, mas reverencia a singularidade de ser quem se é! Pode ser rio, margem, pedra, musgo, aranha ou saracura, pajé e cientista, mulher, bruxa e\ou curandeira, pesquisadora.

Ela ainda sente o cheiro da fumaça na palma da mão. Os olhos enturvecidos pela jatância, não permite distinguir se ela faz parte dos que zombam ou são zombados. Tudo fica confuso.

Quais são as linhas em rio corrente que separam A Ciência das ciências?

Bruxa e inquisidores, habitam em nós?

Ela, menina-mulher-bruxa-curandeira, queria deitar-se com as palavras, em estado erótico criativo, e proferir receitas-linhas imanentes, que pudessem fazer do mundo um campo de transformações, abrindo seara para a conquista da singularidade em direção a compreensão do social.

Estar eterna

Emanuely Miranda

Me pergunto o que é estar viva.

Seria ocupar um espaço no tempo até que todos os meus segundos se esgotem?

Seria caminhar em linha reta para um destino final e fatal?

Nunca fui chegada às retidões.

Aprecio as linhas que se curvam, se desviam, se enrolam em outras e fazem nós.

Sou uma entre o nós.

E sou tantas quanto o meu espaço no tempo me permite ser.

Em cada um dos meus segundos, cabe um infinito.



Cabe um infinito no rio em que me banho.

Me entrego às correntezas para que elas levem e lavem tudo que sou

Fluo como água no caminho que se abre na terra

Me derramo feito cachoeira volumosa e poderosa

Com o poder que herdei das bruxas que me antecederam,

Transformo minhas águas em força

Força para destruir ou para criar

Ora sou onda que engole o que encontra pela frente

Ora sou a gota que alimenta

A matéria de meu corpo se desdobra em muitas formas

Uso cada uma delas para escrever minha história

E habitar meu espaço no tempo

Memória de rio

Almir da Silva Pinheiro - Mirs

O rio corre, leva, se faz ponte, ponte entre lá e cá, ensina e aprende, cura, é instável, é passado, presente e futuro.

É estar atento ao passado, passado este que interfere, afeta no presente; Passado que é memória viva como o conhecimento das bruxas, a força do rio, a rapidez da saracura, a habilidade da aranha, os muitos mundos que se entrecruzam, formando o mundo vivo e único.

Refletindo como a água do rio, as crianças são mais que reflexos do mundo adulto, são mais que observadores, a partir do olhar do ambiente como um todo, com seu experimentar ela brinca, conhece e cria, é a preparação comunitária para ser adulto, como um ritual sem data marcada, ali no dia a dia.

A criança é como o rio, é por ela que o conhecimento volta, que se volta ao passado, ao momento de reativar a memória, o adulto, o idoso e a criança sendo ponte de conhecimento, estando realmente vivo, fazendo circular o conhecimento, "saber emendar com o começo".



É o encontro do novo e o velho, do que foi e o será, é o interdisciplinar sem regra ou hierarquia, é o humano enquanto parte da natureza, é a troca, troca justa, do necessário, a natureza do homem sendo natureza. O respeito desde o micro ao macro, o cosmos regendo sua força, o homem sendo homem in natura, sendo ser, sem ser artificial ou superficial, emergido, como parte deste todo, polinizador, semeador de energia e conhecimento, sendo pássaro, folha, pedra, água, terra, sem deixar de ser homem e natureza, numa troca diária que se torna ciclo infinito.

Bibliografia

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 4. Tradução: Suely Rolnik. 1997, p. 67.

INGOLD, T. **Líneas**. Traducción del inglés: Carlos Garcia Simón. Gedisa editorial. Barcelona. 2015.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017. (Caderno de Leituras n. 62).

ⁱ Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): Alice <alicedalmaso@gmail.com>; Mirs <monstrengomirs@yahoo.com.br>; Emanuely <emanuelymiranda.em@gmail.com>; Mariana <nnanavl@gmail.com>; Susana Dias <susana@unicamp.br>.

ⁱⁱ Trailer oficial: <<https://www.youtube.com/watch?v=MX0u77Ykop8>>